

CURSO DE PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA SUBAQUÁTICA : RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA

**SANTOS, Ricardo Jaekel ¹ ; PETERS, Eduarda Tavares ² ; RIBEIRO, Erica
Ferreira ³ ; BARBOZA, Gilson ⁴ ; PEREIRA , Daiane Valadão ⁵
SALLÉSS, Jaime Mujica ⁶.**

**1 Pós Graduando em Memória Identidade e Cultura Material - Universidade Federal de Pelotas – UFPel –
ricardojaekel@hotmail.com**

**2 Graduanda em Bacharelado em Antropologia e Arqueologia – Universidade Federal de Pelotas – UFPel-
dudah.peters@yahoo.com.br**

**3 Graduanda em Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Móveis – Universidades Federal de Pelotas-
UFPel – ericaf.ribeiro@gmail.com**

**4 Graduando em Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Móveis – Universidades Federal de Pelotas-
UFPel – gbsom@ig.com.br**

**5 Graduanda em Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Móveis – Universidades Federal de Pelotas-
UFPel – Anne_art15@yahoo.com.br**

**6 Doutor em Agronomia Ciência do Solo – Universidade Federal de Pelotas – UFPel – Orientador –
mujica.jaime@gmail.com**

1 INTRODUÇÃO

Uma das grandes dificuldades da conservação atual, diz respeito aos conhecimentos relacionados com o tratamento de materiais de procedência arqueológica subaquática. Estes objetos normalmente são encontrados com extrema fragilidade pela sua submersão, salinidade, organismos aquáticos entre outros. Tais materiais se encontram em um meio estável e por vezes um ambiente salino, por esse motivo, requerem tratamentos complexos e específicos quando em sua readaptação ao nosso meio. Entretanto, as dificuldades são encontradas em todas as etapas de uma escavação arqueológica subaquática que, por possuírem necessidades de uma logística complexa e perigosa, justificam a participação de profissionais com conhecimentos de conservação, desde a etapa de investigação até remoção dos materiais.

A conservação dos bens arqueológicos subaquáticos não começa apenas no laboratório, é imprescindível a presença dos conservadores desde que o objecto é encontrado até ao momento em que se encontrará estável (MONTEIRO,2010, p.).

Sendo assim, com o objetivo de conhecer as técnicas utilizadas no mergulho e melhor proceder na intervenção junto aos materiais arqueológicos houve a

participação do grupo de alunos pertencentes ao Curso de Conservação e Restauro de Bens Móveis, Arqueologia e do Pós-Graduação em Memória, Identidade e Cultura Material da UFPel, sobre a orientação do prof. Jaime Mujica Sallés no Curso do Quarto Sítio Escola coordenado pelo Programa de Arqueologia Subaquática (PAS) Pertencente a Faculdade de Humanidades e Ciências e associada ao Centro de Investigação do Patrimônio Costeiro (CIPAC), Universidade Da República que foi realizado na Cidade de Piriapolis.

O Curso foi dividido em duas modalidades, a primeira ocorreu a distancia de forma on-line nos dias 09 a 13 de abril com enviou de material sobre temas associados a arqueologia marítima e subaquática, após foi realizado uma prova de evolução sobre o material enviado a segunda modalidade presencial com prática em mergulho que ocorreu nos dia 21 a 24 de abril em Piriapolis.

2 METODOLOGIA E RESULTADOS

O curso teve como objetivo abordar a arqueologia marítima e subaquática e a proteção do patrimônio tangível e intangível.

O Programa de Arqueologia Subaquática possui uma grande preocupação com a formação de profissionais, com conhecimento teórico-prático e com as relações multidisciplinares. Assim sendo, foi fornecido antecipadamente o conteúdo teórico referente à arqueologia marítima e, no transcorrer do curso foi possível exercitar os conhecimentos teóricos nas práticas de mergulho, bem como, foram destacados os cuidados de preservação dos sítios arqueológicos subaquáticos.

O primeiro contato do curso presencial foi à adaptação dos participantes com a pratica de mergulho, este que foi realizado em uma piscina do Argentino Hotel Piriapolis/UY. Foram apresentados os equipamentos necessários para mergulho, bem como os utilizados para o desempenho da função arqueológica. Logo a seguir a forma de montagem dos mesmos e então às praticas de mergulho.

No segundo dia, iniciou-se a prática de reconhecimento e medição dos objetos arqueológicos submersos, exercícios de planimetria – triangulação, linha de base de referência e ângulos. Primeiramente, foram feitos exercícios em terra (Fig.01), como reconhecimento da forma de realização, após o mesmo exercício foi executado em meio submerso com dois objetos, medição dos ângulos e distancia

entre os mesmos estes foram divididos em duas partes da piscina uma na parte mais rasa de 1,5m e o segundo nos 3m(Fig.02).



FIGURA 01-Realização da planimetria em terra
Fonte: Ricardo Jaekel Dos Santos



FIGURA 02-Realização da planimetria em meio submerso
Fonte: Flavio Correa

No terceiro dia, as práticas foram realizadas no Arroio Solis onde foi realizado a prospecção direta e circular, que consistiu em decorrer um trajeto com o auxílio de uma corda em linha reta e com auxílio de uma segunda corda realizava-se um círculo em torno do objeto, pois foi onde pode se obter a realidade mais próxima que se encontra no mar, a visibilidade da água no arroio era muito baixa o que dificultou o trabalho(Fig.03).



FIGURA 03-Realização da planimetria no Rio Solis
Fonte: Érica Ribeiro Ferreira

No quarto dia, foi a última etapa do trabalho onde houve o exercício da prospecção remota abordo e navegação com o uso do sonar de varredura lateral com processamento de imagens através de um programa de computador abordo, onde se realizou o trajeto no porto de Piriapolis.

Ao final de cada trabalho se realizava uma ficha de diagnóstico relatando os dados encontrados em meio submerso e em meio terrestre os dados eram repassados para uma ficha que deveria conter as informações encontradas.

4 CONCLUSÃO

Através da prática de mergulho e da realização dos procedimentos relacionados com a função, pode-se perceber a importância da preocupação conservacionista para com os objetos naufragados. No transcorrer do curso houveram grandes desafios pessoais superados, entre eles o de sobreviver debaixo d'água, contudo este foi apenas o primeiro de vários desafios subsequentes. Como aprendizado, podemos enriquecer com conhecimentos teóricos e práticos, correlacionar várias etapas da prospecção subaquática com a terrestre, contudo as dificuldades com o simples ato de respirar, mover ou comunicar-se acrescida da fragilidade dos materiais, conclui-se por imprescindível a qualificação e presença de profissional conservador-restaurador desde as investigações, a presença em in situ e até o tratamento de readaptação do objeto, bem como na participação das decisões de quais objetos remover.

5 REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Cláudio. **Preservação de espólio submerso: Materiais orgânicos**. Instituto Politécnico de Tomar, Universidade Autónoma de Lisboa .50 slides